



FEMINISMOS E EDUCAÇÃO POPULAR NA PANDEMIA

Feminisms and popular education in the pandemic

Graziela Rinaldi da Rosa¹

*Se o mundo ficar pesado
Eu vou pedir emprestado
A palavra poesia
Se o mundo emburrecer
Eu vou rezar pra chover
Palavra sabedoria
Se o mundo andar para trás
Vou escrever numa carta
A palavra rebeldia
Se a gente desanimar
Eu vou colher no pomar
A palavra teimosia
Se acontecer afinal
De entrar em nosso quintal
A palavra tirania
Pegue o tambor e o gonzá
Vamos para rua gritar
A palavra utopia*

Composição: Jonathan Silva, 2018.

Esse texto começa com o início de uma composição – **“Se o mundo ficar pesado. Eu vou pedir emprestado a palavra poesia”**. Tal afirmação nos proporcionou um “tom” de esperança, e de utopia. Vivíamos um momento de dor, luto e desesperança.

¹ Prof^a de Filosofia do Instituto de Educação/IE-FURG; Prof^a. Colaboradora do D'Generus (UFPEL-RS); Integrante da Articulação em Defesa da Educação do Campo-AEDOC; Integrante da Rede Brasileira de Mulheres Filósofas; Integrante do GT Gênero e Filosofia-ANPOF; Colaboradora do Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola-GESE/FURG; Coord^a da Linha de Pesquisa "Relações de gênero e feminismos na educação" GESE/FURG; Integrante do Grupo de Pesquisa Educação Popular, Metodologias Participativas e Estudos Descoloniais (UNISC-RS) Integrante do Conselho Municipal dos Direitos da Mulher de São Lourenço do Sul/RS. E-mail: grazirinaldi@gmail.com



Hoje, voltamos a participar dos primeiros seminários, congressos e encontros presenciais. Com nossos sorrisos expostos, voltamos a nos abraçar. No entanto, ainda precisamos falar sobre o vírus COVID-19 e seus impactos. Ainda, no mês de outubro de 2023, tive a perda da minha primeira familiar por COVID-19, e isso me fez retomar esse texto a fim de provocar algumas reflexões.

Busca-se, com esse trabalho, contar a trajetória de um projeto de extensão realizado no período da pandemia, na região Sul do Rio Grande do Sul. Trata-se de uma ação extensionista construída com metodologias participativas, que envolveram a comunidade do campo e das cidades do Sul do Rio Grande do Sul/Brasil, tendo como ênfase o diálogo com a comunidade sobre a importância do uso de máscaras e cuidados pessoais, bem como a distribuição e troca de máscaras por um quilo de alimentos, para diminuir os impactos do Coronavírus (COVID-19). Além disso, busca-se compartilhar algumas reflexões sobre esse momento de pós pandemia.

No total, foram distribuídas mais de 20 toneladas de alimentos e mais de 20 mil máscaras para a população que vive no Sul do Sul do Brasil. Tal experiência foi realizada com todos os cuidados que envolviam o distanciamento social e, mesmo em um contexto difícil de se fazer extensão, isso foi possível. Notamos a significativa presença de mulheres na luta contra COVID-19 e devido a isso, buscamos destacar esse protagonismo.

Escrever sobre feminismos e pandemia, na perspectiva da educação popular e dos feminismos, se faz necessário, não porque a pandemia acabou e temos resultados de uma ação coletiva, de extensão universitária, mas, especialmente porque se percebe que ainda estamos sentindo os impactos da COVID-19, seja do ponto de vista psicológico, físico, material, social, econômico e outros. Desta forma, cabe questionarmos sobre a nossa identidade, após vivenciarmos uma pandemia e também refletirmos sobre nossa liberdade, pós-pandemia.

O que mudou em nosso cotidiano, além de um aumento significativo de relações de trabalho e humanas via internet. Como retomamos nossas vidas após



altos índices de mortalidade? Como temos estabelecido novas relações conosco e com o/a outro/a?

Assim, busca-se refletir sobre os impactos do COVID-19 e compartilhar a experiência de ter realizado extensão universitária em tempos de pandemia. Trata de um projeto de extensão denominado “Fazendo o Bem, Não Importa a Quem”, que teve início antes do primeiro caso de COVID-19 ocorrer no município de São Lourenço do Sul-RS, onde temos um campus da Universidade Federal do Rio Grande – FURG.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura. E é ainda o jogo destas relações do homem com o mundo e do homem com os homens, desafiado e respondendo ao desafio, alterando, criando, que não permite a imobilidade, a não ser em termos de relativa preponderância, nem das sociedades nem das culturas. E, na medida em que cria e decide, vão se conformando as épocas históricas. É também criando, recriando e decidindo que o homem deve participar destas épocas.²

No decorrer da execução do projeto de extensão foram necessários diferentes cronogramas, e planejamentos, pois estávamos lidando com um vírus até então desconhecido, e não tínhamos ideia do tempo que íamos viver essa situação e, tampouco, que seria classificada como uma pandemia. Tudo era incerto.

Fomos convocados/as a ficar em casa e começar um isolamento social. Foi algo inédito em nossas vidas. Passamos a usar máscaras em nosso cotidiano. Os noticiários mostravam notícias alarmantes, enquanto o medo e a insegurança iam tomando conta da população (pelo menos boa parte dela). Usar máscaras era algo novo, exceto nas regiões que já utilizam máscaras e se protegem de outras contaminações.

² FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971. p. 43.



Prevemos em um primeiro momento confeccionar cinco mil máscaras em um período de quatro a seis meses, pois imaginávamos que esse período seria suficiente. Mas, o projeto e as ações de extensão em tempos de pandemia duraram dois anos, e durante esse período tivemos que traçar diversos caminhos metodológicos.

Tivemos que realizar aulas de forma remota e adaptamos nossas metodologias. Mas, realizar extensão lidando com um vírus ainda desconhecido foi o mais desafiador, mesmo que a maioria das pessoas tenham telefones móveis. As metodologias participativas da educação popular não podiam mais serem utilizadas, até porque não eram todos/as que tinham acesso às tecnologias, internet e redes sociais, ou condições para seguirem estudando em meio ao caos que vivíamos.

EDUCAÇÃO POPULAR EM TEMPOS DE PANDEMIA E EDUCAÇÃO REMOTA

No início do ano letivo de 2020 fomos convocados/as a repensar nossos métodos, adaptar os conteúdos e também a realizar práticas educativas escolares com distanciamento social. Perdemos a nossa liberdade. Educadores/as tiveram que (re) aprender a trabalhar *online*. Com tantos desafios, o pensamento de Paulo Freire³ estava presente, afinal “é impossível existir sem sonhos”, mesmo enfrentando o retrocesso político em nosso país, o desmonte de políticas públicas, e pior ainda, o descaso e indiferença frente ao alto índice de mortalidade por COVID-19.

Ao falar de “Educação, empoderamento e Libertação”, Freire disse:

A educação é simultaneamente uma certa teoria do conhecimento posta em prática, um ato político e um ato estético. Essas três dimensões estão sempre juntas, momentos simultâneos de teoria e prática, de arte e política. O ato de conhecer, ao mesmo tempo que cria e recria objetos, forma os estudantes que estão conhecendo.⁴

³ FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos Sonhos Possíveis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014. p. 49.

⁴ FREIRE, 2014, p. 73.



A educação envolve um processo permanente de aprender com o outro/a outra e com o mundo, mesmo que esse mundo passasse a ser uma tela de computador ou de celular. Envolver a população durante um período de pandemia por meio da educação foi ainda mais desafiador, se comparado com práticas de educação popular em períodos não pandêmicos. Deixe-me esclarecer alguns desses desafios: comunicação com isolamento social; educação com distanciamento social, falta de recurso para enfrentamento ao COVID-19, falta de políticas públicas, situações de descaso, crimes e irresponsabilidade por parte do Governo diante de uma crise sanitária, política e econômica.

Ao analisar a sociedade brasileira em períodos de “trânsito”, como a colonial e escravocrata, Freire explicou que ela era sem povo, “reflexa”, antidemocrática, mas que era o ponto de partida de nossa fase de transição. Assim, a pandemia também foi considerada uma nova fase, um “divisor de águas” devido ao fato de provocar reflexões profundas na sociedade.

Assim, aprender a ser professor/a em tempos de pandemia não foi algo tranquilo, e tampouco sabemos se aprendemos, mas, tentamos, flexibilizamos horários, aprendendo a ter encontros assíncronos, que respeitasse o tempo de cada um/a, algo que até então temos dificuldades. Em tentativas de adaptações e mudanças metodológicas fomos nos remodelando ao contexto de educação remota, pois, “entre as características da educação popular está a de acompanhar o movimento da sociedade, buscando sempre novos espaços para a sua realização”⁷. No caso do projeto “Fazendo o Bem, Sem importar a quem”, aprendemos a fazer máscaras, enquanto nos comprometíamos com a comunidade, e empoderávamos, frente às crises que vivíamos – sanitária, política, ética, socioambiental...

A questão ética compôs esse trabalho, pois:

⁷ STRECK, Danilo R. Territórios de resistência e criatividade: reflexões sobre os lugares de Educação Popular. *In*: STRECK, Danilo R.; ESTEBAN, Maria Teresa (org.). **Educação Popular: Lugar de construção social coletiva**. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 356-368. p. 356.



Na verdade, como é que eu posso possivelmente buscar sem esperança o que estou procurando? Mas esta incompletude como seres humanos também nos empurra rumo à ação e, assim, torna-nos seres com opções, seres que têm a possibilidade de decisões, seres que têm a possibilidade de ruptura e, finalmente, seres que têm a possibilidade de ser éticos.⁸

Além da questão ética, a rigidez metodológica foi colocada a prova, pois novos métodos e técnicas teriam que ser aprendidas e executadas, quase ao mesmo tempo. Não tínhamos vivido nada parecido no mundo todo e, mesmo com toda tecnologia, domínio das tecnologias digitais, e vivendo em meio a globalização, foram necessários outros métodos e ações realizadas com empatia, solidariedade, sororidade, ética e compromisso com o/a outro/a. Afinal, o simples ato de usar máscaras já era um ato educativo, e na medida que a maioria foi se adaptando a usá-las, quem não estava com máscaras, passava a usar. Cuidar de si era, naquele contexto, cuidar e nos comprometer com o coletivo, com as comunidades, além das pessoas próximas.

Passamos a conviver mais com nossas famílias. Retomamos o hábito de cozinhar em casa, sentar à mesa, compartilhar em dias de semana. O clima era tenso e ao mesmo tempo desafiador. As famílias com condições materiais conseguiam se conectar e orientar, acompanhar e ajudar seus filhos e filhas, enquanto uma parcela da população buscava sobreviver em meio ao caos. No contexto de crises e pandemia, ficou evidente “que na *ordem patriarcal de gênero*, o branco encontra sua segunda vantagem. Caso seja rico, encontra sua terceira vantagem”, mostrando que “o poder é macho, branco e, de preferência, heterossexual”⁹.

Ficar em casa, era um dos “lemas” da pandemia. Mas, algumas questões poderiam ser mais problematizadas, como a problemática da população trabalhadora mais exposta ao vírus. Quem não tinha acesso à internet ficou excluído/a, e muitos/as não conseguiram acompanhar o que a escola propunha, mesmo que fossem oferecidos materiais impressos como opção.

⁸ FREIRE, 2014, p. 98.

⁹ SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 31.



Nesse contexto, muitos/as estudantes evadiram, ou melhor, foram expulsos de um sistema educacional que buscou seguir, mesmo quando muitos/as não puderam acompanhar. Os índices de evasão escolar seguem chocando a nós educadores/as, tanto nas escolas, quanto nas Universidades Públicas. Dessa forma, começamos a (re) pensar formas de contribuir para a não evasão e a permanência estudantil.

A reflexão acerca do papel da escola, bem como do professor e da professora ficou latente frente às telas, e diante das famílias, visto que o caos foi instaurado frente ao contexto pandêmico. Muitos que consideravam que os/as professores/as pudessem ser substituídos com facilidade, puderam compreender melhor que o processo de ensino-aprendizagem não é algo simples, assim como a importância de nossas escolas, tanto do ponto de vista social, quanto cognitivo. Obviamente a escola não é o único local de socializarmos e aprendemos, mas nelas temos profissionais que estudaram para propor práticas pedagógicas, e nela vivenciamos significativas experiências socioeducativas.

MULHERES, PANDEMIA E FEMINISMOS

Historicamente, as mulheres sofrem os efeitos de uma ordem social injusta. De diferentes formas sofrem discriminação, violências e sempre tiveram o seu cotidiano marcado pelas dificuldades de sobrevivência. Com a pandemia, essas desigualdades se acentuaram ainda mais. No entanto, as mulheres tiveram um protagonismo no cotidiano pandêmico que chamou a atenção durante a realização do projeto, e fez com que criássemos uma exposição fotográfica denominada “Mulheres na Pandemia”, com imagens e dados estatísticos relacionando a temática – violência, pandemia e mulheres. Essa exposição também esteve presente durante o VIII Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião.

Sabe-se que somos “seres de relações e não só de contatos, não apenas estamos *no* mundo, mas *com* o mundo. Estar *com* o mundo resulta de sua abertura à



realidade, que o faz ser o ente de relações que é”¹⁰. Assim, as mulheres estiveram à frente dessa “guerra” contra a pandemia, e eram elas que víamos buscando as máscaras, os alimentos, muitas vezes com suas crianças.

Quando falamos de mulheres, os impactos da COVID-19 certamente são maiores, pois foram as mulheres que seguiram administrando a maioria dos lares brasileiros, e num contexto de pandemia, altos índices de mortalidade, desemprego, isolamento social e crises. Sem falar na responsabilidade redobrada com os/as idosos/as e o excesso de trabalho doméstico diante do fechamento das escolas.

Não podemos deixar de considerar que as mulheres foram protagonistas durante a pandemia como lideranças comunitárias, cientistas, enfermeiras, médicas, professoras, educadoras populares, pesquisadoras, e dentre outros papéis sociais, subverteram e contribuíram para reduzir os impactos da COVID-19, salvando vidas.

As mulheres, nas salas de aulas brasileiras e nos outros espaços sociais, viveram, com homens, crianças e outras mulheres, diferentes e intrincadas relações, nas quais sofreram e exerceram poder. Pensá-las apenas como subjugadas talvez empobreça demasiadamente sua história, uma vez que mesmo nos momentos e nas situações em que mais se pretendeu silenciá-las e submetê-las, elas também foram capazes de engendrar discursos discordantes, construir resistências, subverter comportamentos. Construir uma história às avessas, exclusivamente apoiada na trajetória daquelas que foram revolucionárias, talvez também resultasse em uma construção reduzida e idealizada.¹¹

Em nossa ação extensionista, as mulheres também eram a maioria, e costuravam máscaras, empacotavam, iam nas comunidades, recolhiam os alimentos, faziam e distribuíam os kits para distribuição, higienizavam as máscaras, captavam recursos e parcerias, entre outras ações.

¹⁰ FREIRE, 1971, p. 39.

¹¹ LOURO. Guacira Lopes. Mulheres na sala de Aula. *In*: PRIORI, Mary del (org.); BASSANEZI, Carla (coord.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997. p. 443-481. p. 478-479.



PARA NÃO CONCLUIR

A pandemia, num contexto de desgoverno, descaso e irresponsabilidade por parte de quem deveria zelar pela saúde pública nos causou danos irreversíveis, que ainda não temos estudos suficientes para mensurar os seus impactos.

Pouco ouvimos falar do pós-pandemia, das mudanças que tivemos em nossos corpos e mentes, e tampouco há estudos suficientes para contribuir na superação de tais danos. Contudo, sabe-se que negros/as sofreram os impactos de forma mais violenta, devido ao racismo.

As mulheres sofreram mais violências, e os indicadores de violência doméstica aumentaram. Por sua vez, crianças em idade escolar foram violentamente submetidas a um processo de escolarização que excluía quem não tinha acesso às tecnologias e a internet, enquanto um vírus assolava o mundo. Mas, mesmo nesse contexto tão desfavorável para realizar extensão universitária, essa experiência nos reafirmou o papel da educação popular, e universidade pública mesmo em tempos de pandemia!

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos Sonhos Possíveis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

LOURO. Guacira Lopes. Mulheres na sala de Aula. *In*: PRIORI, Mary del (org.); BASSANEZI, Carla (coord.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997. p. 443-481.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

STRECK, Danilo R. Territórios de resistência e criatividade: reflexões sobre os lugares de Educação Popular. *In*: STRECK, Danilo R.; ESTEBAN, Maria Teresa (org.).

VIII CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE
GÊNERO E RELIGIÃO
LIBERDADE - IDENTIDADE - CRITICIDADE



Educação Popular: Lugar de construção social coletiva. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 356-368.